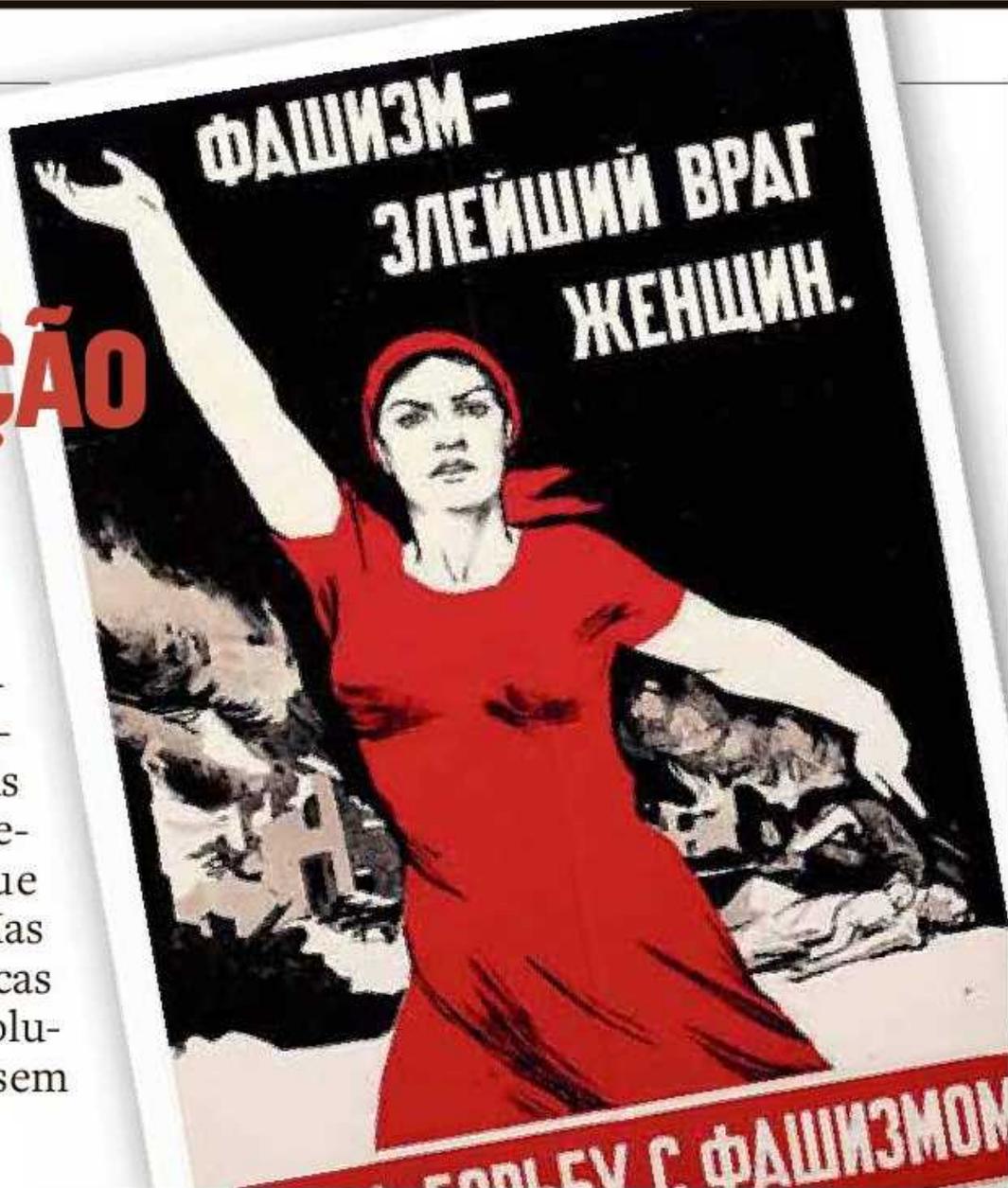


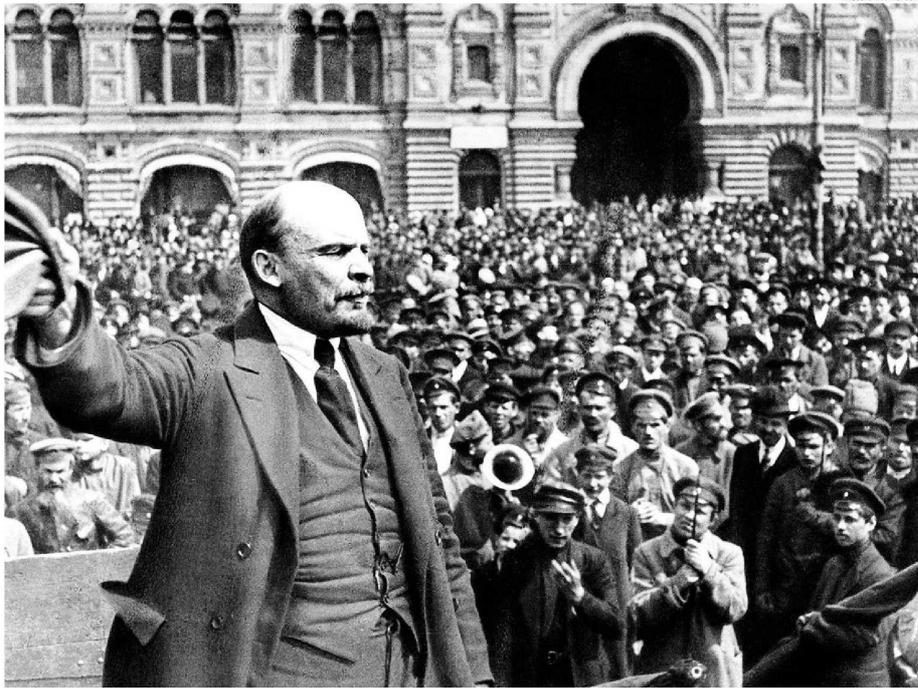
**Aliás,  
História**

# REVOLUÇÃO SEM TRADUÇÃO

**E**ditoras prepararam o lançamento de mais de 50 títulos sobre a Revolução Russa, que completa 100 anos. Mas algumas obras clássicas sobre o período revolucionário continuam sem tradução no Brasil.



# Aliás, História



**Bolchevique.** Líder da Revolução Russa, Vladimir Ilitch Ulyanov (1870-1924), conhecido como Lenin, em comício realizado em Moscou

## CEM ANOS DE UMA REVOLUÇÃO NÃO TRADUZIDA

Marcelo Godoy

Revoluções têm duas vidas. Em seu livro *The Russian Revolution*, publicado em 2008, a historiadora Sheila Fitzpatrick diz que a primeira dessas vidas é parte inseparável do presente, da política contemporânea. “Na segunda vida, ela cessa de ser parte do presente e se move para a história, para as lendas nacionais”. Sheila saiu do St. Antony’s College, de Oxford, em 1967, para iniciar sua vida como pesquisadora nos arquivos soviéticos em uma época em que a URSS era assunto para cientistas políticos, como Leonard Shapiro, da London School of Economics. O mundo da Revolução Russa ainda era presente e não havia alcançado a sua segunda vida, aquela reservada aos historiadores.

Essas duas vidas das revoluções estão em parte refletidas nos lançamentos que as editoras brasileiras programaram para este ano, o do centenário do evento. São mais de 50 títulos que casas como Record, Companhia das Letras, Perspectiva, Boitem-

po, Editora 34, Rocco e Sundermann devem lançar até o fim do ano de historiadores como Orlando Figes, Robert Service, Marc Ferro, Tamáz Krausz, Daniel Aarão Reis e de jornalistas, políticos e teóricos como Anne Applebaum, David Remnick, John Reed, Leon Trotski, Vladimir Lenin e Evgeni Pachukanis.

“Nosso esforço é garantir, por meio dos nossos selos, uma visão pluralista e preencher parte da lacuna existente sobre o período no País”, disse o editor Carlos Andrezza, do Grupo Record, que controla os selos como a *Civilização Brasileira* e Paz e Terra. Entre os títulos que o grupo prepara estão *História Cultural da Rússia (Natasha’s Dance)*, de Figes, e *A Verdade sobre a Tragédia dos Romanov*, de Marc Ferro. A Boitempo trará a biografia de Lenin do marxista húngaro Tamáz Krausz (*Reconstruindo Lenin*), assim como as traduções do russo de duas obras de Lenin (*Escritos Filosóficos* e *O Estado e a Revolução*). A Companhia das Letras relançará os clássicos *Rumo à Estação Finlândia*, de Edmund Wilson

**Editoras preparam mais de 50 títulos, mas as obras de Khlevniuk, Fitzpatrick e Rabinowitch continuarão longe das livrarias do País**

e *Os Dez Dias Que Abalaram o Mundo*, de Reed, e publicou *O Tímulo de Lenin*, de Remnick. A Perspectiva trará *O Ciclo do Totalitarismo*, de Ruy Fausto, e a Três Estrelas lançou *A Cortina de Ferro*, de Anne Applebaum.

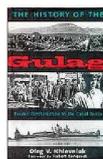
Apesar do esforço das editoras, permanecem fora das livrarias brasileiras obras clássicas sobre a revolução, de autores como Alexander Rabinowitch, Sheila Fitzpatrick e Oleg Khlevniuk. Professor na Universidade Estatal de Moscou, Khlevniuk é editado no EUA pela Yale University Press. Foi ali que, em 2004, publicou *The History of the Gulag, from Collectivization to the Great Terror*, dentro da série *Anais do Comunismo* – que tinha entre os coordenadores editoriais o cientista político Zbigniew Brzezinski e a própria Sheila. Sua obra é a mais completa e rigorosa pesquisa feita sobre o terror estatal na União Soviética – o prefácio é do historiador Robert Conquest. Khlevniuk mostra como Stalin, por meio da OGPU (depois KGB), transformou o sistema penal em peça fundamental da industrialização do país por meio do trabalho escravo de milhões de prisioneiros dos campos e de camponeses exilados em áreas longínquas a partir de 1929.

Ainda sobre os anos de Stalin, o leitor brasileiro passará 2017 sem ver nenhuma das obras de Sheila. São livros como *Everyday Stalinism: Ordinary Life in Extraordinary Times* ou *On Stalin’s Team, The Years of Living Dangerously in Soviet Politics*. O leitor ficará ainda distante de teses de sua obra. Próxima do grupo que editava, nos anos 1960, o jornal *Novny Mir*, como o poeta russo Aleksandr Tvardovsky – responsável pela publicação de *Um Dia na Vida de Iván Denisovitch*, de Alexander Soljenitsyn, durante o Degelo da era Khrushchev – Sheila defende a ideia de que a revolução de 1917 só se completou com os grandes expurgos de 1937-1938. Crítica do marxismo, ela e outros historiadores sociais foram buscar nos arquivos a vida cotidiana capaz de ajudar a decifrar a sociedade soviética. Sua experiência como pesquisadora sob a vigilância da KGB está descrita em outra obra: *A Spy in the Archives*, que traça um retrato da vida em Moscou nos anos da estagnação de Leonid Brejnev (1964 a 1982).

Outra ausência no País são os clássicos *The Bolsheviks Come to Power* e *Bolsheviks in Power*, de Rabinowitch, nos quais o historiador – com extensa pesquisa documental – desmonta mitos comunistas e conservadores a respeito do papel de Lenin, da disciplina do partido e sobre o apoio popular ao seu programa. Ele mostra como Lenin estava distante de ser um líder incontestante no partido – esteve em minoria várias vezes em 1917 –, explica como o partido saiu de poucos milhares de militantes para se tornar uma agremiação de massa e, como o programa radical aliado ao uso do terror foram responsáveis pelo sucesso bolchevique e pela vitória na guerra civil, que duraria até 1921, impedindo a formação de um governo de coalizão com outros partidos socialistas.

“Há limitações no Brasil. Mesmo nas universidades há poucos pesquisadores de história russa. Isso ajuda explicar as lacunas”, disse o professor de história da USP Sean Purdy, que espera um dia ver em português o livro *Revolution and Counter-revolution: Class Struggle in a Moscow Metal Factory*, de Kevin Murphy. Para Alvaro Bianchi, professor do Departamento de Ciência Política da Unicamp, são poucos os livros importantes sobre a URSS editados no País. Como exceção, destaca *O Século Soviético*, de Moshe Lewin, da Record. “Há um predomínio de autores conservadores, como Richard Pipes ou Service.” Este terá a biografia de Trotski publicada pela Record. Mas, se nenhuma editora se interessou pela biografia de Trotski do marxista Pierre Broué, também ninguém publicou o clássico antibolchevique *Terrorismo e Comunismo*, do social-democrata Karl Kautsky.

Para a editora Ivana Jankings, da Boitempo, cabe às editoras “criar a demanda”. “Marx, é exemplo. Quando decidimos editar, diziam que não havia mercado.” Ivana, Andrezza e outros importantes editores bem que se esforçaram para preencher as lacunas. Mas a historiografia da revolução russa, cujo significado permanece fortemente disputado em seu centenário – e assim deve se manter –, continuará pouco traduzida no País.



**THE HISTORY OF THE GULAG**  
AUTOR: OLEG KHLEVNIUK  
EDITORIA: YALE UNIVERSITY PRESS  
418 PÁGINAS  
US\$ 34,13



**THE BOLSHEVIKS COME TO POWER**  
AUTOR: ALEXANDER RABINOWITCH  
EDITORIA: HAYMARKET BOOKS/PLUTO PRESS  
383 PÁGINAS  
US\$ 19,00



**ON STALIN'S TEAM**  
AUTOR: SHEILA FITZPATRICK  
EDITORIA: PRINCETON UNIVERSITY PRESS  
363 PÁGINAS  
US\$ 20,49

## EDITORES APOSTAM EM VÍTIMA DO STALINISMO



**Rodchenko.** Cartaz (1924) promove imprensa oficial com Lilya Brik

**Comunicação.** O construtivismo foi fundamental para a propaganda soviética

• Pela primeira vez, a obra do teórico do direito Evgeni Pachukanis será traduzida no Brasil diretamente do russo. Duas editoras – a Surdermann e a Boitempo – preparam edições de *Teoria Geral do Direito e Marxismo*, do principal jurista soviético. A edição da Surdermann trará ainda seis ensaios de Pachukanis que jamais haviam sido traduzidos para outra língua. As obras que serão publicadas abrangem o período de 1921 a 1929 – sua *Teoria Geral* é de 1924 –, antes, portanto, de o jurista ter sido forçado pelo regime stalinista a abjurar sua teoria e a reconhecer “seus erros”.  
• A visão revolucionária de Pachukanis se insere no contexto de uma intelectualidade que tentava levar a Revolução a todas as áreas do conhecimento humano – do exército às artes gráficas. Sua

concepção chocava-se no interior do Partido Comunista com a ideia da existência de um direito proletário, que seria exercido em um Estado que construía o socialismo. A consolidação da ideia stalinista seria o reflexo no mundo jurídico do que a historiadora Sheila Fitzpatrick chamou de “retorno à normalidade”, o processo observado na vida soviética após o Grande Terror de 1937-1938, que encerrou as transformações revolucionárias iniciadas em 1917, fundando uma “era pós-revolucionária”. O próprio Pachukanis foi preso e executado a mando de Stalin em 1937.

Ambas as editoras reuniram equipes multidisciplinares para cuidar da revisão técnica de suas traduções. “Pachukanis pensava que o direito era uma expressão do modo capitalista de produ-



**Lissitzky.** Cartaz celebra 'vitória vermelha'



ção”, diz o professor Marcus Oriane, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, que integrou o grupo que cuidou da edição da Surdermann. Crítico do burocratismo na vida soviética, o teórico russo só voltou a ser publicado em seu país após a morte de Stalin. /M.G.